

CARTA A MUITOS AMIGOS

A CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

ALFOPRE DE PATRIOTAS

Há cinquenta anos que o governo colonial-fascista em Portugal dissolveu a *Casa dos Estudantes do Império –CEI–*, por ele mesmo fundada em 1944 pelo então Ministro das Colónias, **Marcello Caetano**. Acontecera, que após a II Guerra Mundial uma primeira geração de angolanos, cabo-verdianos, guineenses (B), goeses e moçambicanos, são-tomenses se apossaram da *CEI*. Entre eles, e que me perdoem a memória por omitir outros, **Agostinho Neto, Alda Espírito Santo, Amílcar Cabral, os irmãos Dáskalos, Eduardo Mondlane, Fernando Reis e Lima, Francisco José Tenreiro, Gualter Soares, João Mendes, Marcelino dos Santos, Mário António de Oliveira, Noémia de Sousa, Orlando Costa.**

Ali na Duque de Ávila em Lisboa, no final dos anos cinquenta, eu e muitos outros nos iniciámos numa actividade política mais orientada, saindo da emoção para a análise e aprendizagem, onde com confiança, dialogávamos e colhíamos ensinamentos dos mais experimentados. Havia uma delegação da *CEI* em Coimbra e recordo-me de uma outra no Porto, ainda que em fase embrionária. O **Eneias Comiche** poderá falar dela, pois que animou durante um certo período.

Evocarei aqui alguns mais velhos que nos guiaram na *Casa dos Estudantes do Império*, o **Gentil Viana**, que nos deixou em 2008 no mesmo dia em que o **Joaquim Pinto de Andrade**, os saudosos amigos **Gika, Fidélis Cabral, Daniel Chipenda, Carlos Ervedosa, Africano Neto e Pedro Gomes, Eduardo dos Santos (médico) e Américo Boavida, o Edmundo Rocha, Vasco Cabral, os felizmente ainda connosco irmãos Almeida, o Mário Afonso e o Luís, o Fernando Vaz, o Hélder Martins, o Videira, o Carlos Pestana Heinecken e o seu irmão Augusto, Costa Andrade, o José Júlio de Andrade, Guinapo, França Van Dunen, Manuel Araújo, os Mingas, incluindo o Rui assassinando pelos *Nitistas*, e tantos outros, todos combatente da luta de libertação e personalidades que nos seus países fizeram ou ainda fazem a História.**

Quando entrei na *CEI* o **Fernando Vaz** presidia. Quando o Governo a dissolveu estava o **Óscar Monteiro** como Vice-Presidente. Impuseram-nos numerosas comissões administrativas no intuito de nos quebrar. Quando o governo colonial-fascista se sentia incomodado destituía a direcção democraticamente eleita e nomeava funcionários –uma *Comissão Administrativa* — para por na ordem a *CEI*.

O Governo queria, numa tentativa de esconder o gato com o rabo de fora, que nos denominássemos ***Casa dos Estudantes do Ultramar***. Com firmeza recusámos. Argumentávamos que havia uma seguradora *Império*

sedeada em Lisboa, um cinema a dois passos da *CEI* com o nome *Império*, um paquete *Império*, uma companhia de navegação *Colonial*, etc.

Em 1960, o Comissário Geral da Mocidade Portuguesa, Silva Cunha, nomeou mais uma comissão administrativa. A última por sinal, pois já em 63, ele dissolveu e extinguiu a CEI, como todas as associações estudantis. Na CEI realizamos uma reunião geral, dirigida pelo **Hélder Martins** que presidia a Assembleia-Geral (oficialmente dissolvida!). Decidimos resistir. Fizemos mensagens para o exterior de Portugal e um abaixo-assinado. Muitas centenas de estudantes das colónias assinaram o documento, incluindo alguns que podiam sofrer graves represálias, como o **Mocumbi e o Chissano**, que viviam no *Lar da Mocidade Portuguesa*, dirigido por Alberto João Jardim. **Adriano Moreira, Ministro do Ultramar pôs termo à bacorada. Recebeu os dirigentes da CEI e das associações estudantis e da noite para o dia, mandou extinguir a Comissão Administrativa, após receber as direcções das Associações de Estudantes.** Estive no encontro na minha qualidade de Secretário-Geral da RIA. Adriano Moreira, ironicamente, questionou sobre *quem colonizava quem*, pois constatava que os estudantes do Ultramar, a começar pelo Secretário-Geral da RIA, os Vice-Presidentes das Associações Académicas de Coimbra (Videira), Instituto Superior Técnico (Paulo Jorge), e muitos outros se encontravam nas direcções das Associações.

Na Casa dos Estudantes do Império levou-se a cabo uma grande actividade a favor da promoção e difusão da cultura dos nossos países, sem subsídios, sem incentivos, sem apoio de doadores e ONG, sem dinheiros de fora, com os nossos próprios meios. Aí se fazia o precioso *Boletim*, editou-se a primeira colectânea de literatura das colónias elaborada por **Mário de Andrade e Francisco José Tenreiro**. O **Alfredo Margarido**, angolano, tal como o **Luís Polanah**, moçambicano, editaram antologias, a do Polanah *Poetas de Moçambique*, e pela primeira vez em livro se publicaram Craveirinha e Luandino, Dáskalos, Mário António e outros mais que a censura colonial-fascista desejava asfixiar. Nós mesmos dactilográvamos as ceras para a máquina *GESTETNER*, ciclostilávamos, fazíamos os cadernos, agrafávamos e vendíamos. **Ninguém nos pagava por isso, nem tal nos passaria pela cabeça!** Trabalhávamos pela noite a dentro para tornar conhecida a nossa riqueza. O **Fernando Ganhão, Tomás Medeiros, Paulo Jorge** e eu tornámo-nos então peritos no trabalho da reprografia, que muito nos viria a servir nos anos subsequentes.

Havia igualmente um lar da *Casa dos Estudantes do Império* onde muitos colegas se albergavam. Havia uma biblioteca excelente com obras literárias e científicas. Muitos colegas doavam as suas sebatas e livros ao terminarem os cursos. Jogava-se pingue-pongue damas e xadrez, o Paulo Jorge de Angola tornou-se campeão universitário de pingue-pongue. Fazíamos teatro, organizávamos recitais de poesia e realizávamos festas e bailes.

Através do **Clube Marítimo** que alguns frequentavam, sob a capa de se ir aos bailes, estabelecia-se o contacto com as tripulações dos cargueiros e paquetes que levavam correspondência delicada para colegas nossos nas

diversas colónias e nos traziam, de volta, as cartas e as informações que não se publicava na comunicação social e poderiam tornar-se objecto de censura e represálias da PIDE. O grosso dos tripulantes provinha de Cabo Verde.

Na CEI, clandestinamente, promovíamos apoio material e solidariedade moral com os presos políticos dos nossos países. Dou o exemplo de Agostinho Neto. A esposa de Neto, Eugénia com uma criança, viera para Lisboa para dar algum apoio ao marido preso. Entre nós, estudantes, decidimos quotizarmo-nos para apoiar a família Neto a sobreviver e, para isso, também contactamos algumas personalidades das colónias. Um médico de origem moçambicana, dum grande família mestiça de Quelimane, **o Dr. Manuel Nazaré**, embora com todas as precauções e sigilo, entregava-me mil escudos mensais para a família Neto. O dinheiro colectado entregava-se à Eugénia, por duas ou três vezes coube-me também e por vezes essa tarefa. A mudança de quem levava o dinheiro constituía uma medida para iludir, no possível, a vigilância da *PIDE* e proteger o correio.

Um médico que nada nos cobrava, **o Dr. Arménio Ferreira** angolano, já desaparecido, desempenhou para todos nós um papel essencial. Assistia-nos e, quando necessário, enviava-nos a colegas seus que nos recebiam gratuitamente. Nas consultas que dava duas vezes por semana, vinha à *Casa dos Estudantes do Império* para nos cuidar do corpo e também do espírito. Educava-nos politicamente e emprestava-nos para ler o *Avante*, e livros, desde os *Subterrâneos da Liberdade* de Jorge Amado, até às obras de Marx, Engels e Lenine. Nunca ninguém deu a informação à *PIDE*.

A CEI tornara-se, mau grado o pecado original, numa escola de patriotismo, um centro de educação política, uma base conspirativa, um meio de aproximação e confraternização com os colegas portugueses. Bem-haja a iniciativa da UCCLA em celebrar esta efemérida e reeditar as publicações da CEI. Obrigado. Viva o reavivar da memória!

À memória de Paulo Gerdes, patriota embora de origem estrangeira, eminente matemático, que nos deixa um legado científico precioso e que devemos valorizar, um abraço,

Sérgio Vieira

P.S. Muitos leram num semanário que, segundo um personagem da praça, o Presidente da CNE chama-se **O MUSSULMANO**. O personagem que assim o apodou denominar-se-ia **O PAGÃO**? O Presidente da República eleito não passaria de **UM MIÚDO**! Porventura quem assim o classifica poderá possuir o apelido de **UM CAQUÉTICO**? Promovido pela Direcção da Inteligência Militar do apartheid de raso a coronel **MAS PRETO**, pois com vencimento de PRETO, devemos interrogar sobre quem lhe atribuiu o generalato?

Nunca o farei. A boa educação que todos prezamos, o respeito até pelo adversário o impede. **Um abraço pois às boas maneiras,**

SV